

Painel / Linha temática 12

Relações Internacionais e seus contextos : entre a(s) teoria(s) e a(s) história(s)



Mesa 12.2

" Nacionalismos, Identidades e Género "

Investigador Convidado/Comentador

José Manuel Pureza¹

Ana Santos²

Moderador

Joana Ricarte³

Coordenação

Joana Ricarte

Oradores e Comunicações

Nº	Nome completo	Email	Título da comunicação	Instituição
89	Joana Ricarte	juricarte@gmail.com	A Construção do Movimento Nacional Palestino e a ideia de criação de um Estado	Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
118	Tiago Pedro Vales	tpvales@gmail.com	Tecnologia da Informação e participação cívica: o papel das novas mídias nas mudanças políticas no Egito.	Universidade de Coimbra
134	Marta Sofia Praça Gonçalves da Silva	martapgsilva@gmail.com	processo de paz do Afeganistão: sucessos e desafios	FEUC-CES

¹ José Manuel Pureza é investigador do Centro de Estudos Sociais, onde co-coordena o Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz. É Professor de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com responsabilidades de co-coordenação do Programa de Doutoramento em Política Internacional e Resolução de Conflitos. Foi investigador responsável, nos últimos anos, por diversos projectos de investigação na área dos Estudos para a Paz e tem diversas obras publicadas nesta área e em Direito Internacional. As suas prioridades de pesquisa incluem os Estudos para a Paz – designadamente as construções teóricas da paz e os estudos críticos sobre segurança - os direitos humanos e o direito internacional.

² Ana Santos Pinto é Assistente Convidada no Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL) e Doutoranda em Relações Internacionais, Especialidade de Estudos Políticos de Área, na mesma Universidade. Investigadora no Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-UNL) desde 2004 e do Instituto da Defesa Nacional desde Janeiro de 2013. Desempenhou funções de Consultora de Investigação para a Organização das Nações Unidas, no Projeto Aliança das Civilizações, entre 2008 e 2010. Foi Assessora para as Relações Internacionais do Ministro da Defesa Nacional do XVII Governo Constitucional (2006 – 2009) e Assistente de Investigação no Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (2001-2003).

³ Joana Ricarte é licenciada em História pela Universidade de Brasília, Brasil. Mestre em Relações Internacionais com especialização em Estudos da Paz e Segurança pela Universidade de Coimbra. Doutoranda em Política Internacional e Resolução de Conflitos pelo Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Seus interesses principais de investigação são a questão palestina, identidades e Estudos para a Paz.

*Joana Ricarte*⁴

A Construção do Movimento Nacional Palestino e a ideia de criação de um Estado

O movimento nacional palestino nasce imerso num ambiente de turbulência regional e internacional, no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e das descolonizações do Oriente Médio. Este movimento é construído a partir de um processo de identificação nacional, que se forma e se mantém fortemente resistente aos diversos ocupantes e momentos de dominação aos quais foi submetido. Este trabalho pretende constituir uma análise historiográfica do ideal de construção do Estado palestino, buscando compreender como se dá o estabelecimento deste objetivo através do desenvolvimento de uma identidade nacional que é despertada a partir da ocupação israelense.

Palavras-Chave: Identidade nacional; resistência; construção do Estado; Palestina.

⁴ Licenciada em História pela Universidade de Brasília, Brasil. Mestre em Relações Internacionais com especialização em Estudos da Paz e Segurança pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Atualmente está inscrita no programa de doutoramento em Política Internacional e Resolução de Conflitos pelo Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. A temática principal à qual se dedica é o conflito israelo-palestino, com foco nas estratégias de sobrevivência das elites políticas de ambos os países. É igualmente interessada nas áreas de teoria das relações internacionais e Estudos para a Paz.

Tecnologia da Informação e participação cívica: o papel das novas mídias nas mudanças políticas no Egito

A ascensão do paradigma da Tecnologia da Informação, um conjunto de tecnologias baseadas em um ambiente virtual que permitem o processamento e difusão de dados/informação com grande velocidade e relativa facilidade, tem tido cada vez mais influência nas atividades humanas, tanto na esfera individual quanto coletiva. Tais elementos estão integrando o mundo em redes globais interativas e moldando a vida social, experiências, instituições e relações com o poder Estatal. Dentro disso, as novas mídias, ou seja, redes sociais virtuais, mensagens instantâneas, entre outros, junto às mídias tradicionais, têm tido um papel importante na difusão de ideias e da opinião pública. Recentemente, protestos tomaram conta do cotidiano de diversos países de população majoritariamente muçulmana do norte africano e do Oriente Médio. Após dias de manifestações e repressões que tomaram os espaços públicos, o poder político, cedeu à pressão dos manifestantes que contaram com ampla divulgação de fatos e discursos através das redes sociais virtuais, por um lado e pelos tradicionais veículos de informação de massa, por outro. Este ensaio busca entender como as novas mídias têm funcionado como instrumento de ativismo político, ou seja, de disseminação de ideias ou exposição de opiniões com vistas a influenciar na opinião pública e mudanças nas estruturas políticas. Considerando as recentes manifestações egípcias como estudo de caso, argumenta-se que, embora o advento da tecnologia da informação e suas ferramentas possibilitem um novo espaço público que permite a discussão e interação política e ideológica sem tantos filtros como outrora se observava nos meios de comunicação tradicionais essas novas mídias, por si só, não são capazes de provocar mudanças nas estruturas políticas. São somente instrumentos que promovem algum tipo de espaço de discussões e que através deste se geram novas opiniões ou consciências que, por sua vez, poderão viabilizar mudanças ou atingir determinado objetivo.

Palavras-Chave: mudanças políticas, redes sociais, novas mídias, revoluções árabes, Egito.

⁵ Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista, com mestrado em História e Cultura Política pela mesma Universidade e pelo programa de Pós Graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas. Estudos avançados em Paz e Segurança Internacional pela Universidade de Coimbra e atualmente Doutorando pelo programa Relações Internacionais – Política Internacional e Resolução de Conflitos ligado ao CES/Coimbra. Membro do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança (GEDES) através do Observatório de Política Externa Brasileira.

A questão de género no processo de paz do Afeganistão: sucessos e desafios

Desde o início do milénio que as Nações Unidas têm vindo a reconhecer o profundo impacto que as guerras exercem sobre mulheres, e a necessidade de promover a sua emancipação no sentido de aliviar tensões que persistem no seio das sociedades. O Afeganistão é, provavelmente, o estudo mais paradigmático, devido à ampla politização da questão do género, que permitiu associar a intervenção norte-americana a um discurso de proteção da condição feminina e de defesa dos seus direitos. Desta forma, no período pós-intervenção, a comunidade internacional, confrontada com a responsabilidade de reconstruir o Afeganistão, tem colocado a questão de género na agenda, alertando para disparidades no acesso a cuidados de saúde, educação e poder político, e estabelecendo uma ligação entre acesso ao emprego e formação ao crescimento económico do país. No entanto, iniciativas de empoderamento feminino no Afeganistão têm chocado em inúmeros obstáculos externos e internos: em primeiro lugar, o reforço da vitimização da mulher em situações de conflito e pós-conflito, que lhes nega automaticamente a agência e a capacidade de intervenção; em segundo lugar, a resistência interna no seio da sociedade às mudanças no papel das mulheres afegãs. Desta forma, no sentido de potencializar os recursos já disponibilizados para proteção e afirmação das mulheres num cenário pós-conflito será necessário realizar um investimento na educação, que ajude a reformular os papéis sociais de homens e mulheres e garanta, a médio-longo prazo, uma sociedade mais aberta a essas mudanças e com capacidade para pressionar o poder político; apoiar programas e iniciativas locais de empoderamento das mulheres, ativos desde a década de 70; e não-compartimentar as reivindicações do grupo, associando-as às de outros grupos marginalizados e enquadrando-as no âmbito dos Direitos Humanos,

Palavras-Chave: Afeganistão; processo de paz; questões de género; mulheres e peacebuilding

⁶ Licenciada, em 2005, em Línguas e Relações Internacionais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e mestre, desde 2009, pela mesma instituição, embora com componente lectiva realizada na Universidade do Minho. Actualmente a frequentar o doutoramento em Política Internacional e Resolução de Conflitos e interessada no processo de paz israelo-palestino, na construção de identidades nacionais, da tradição e memória e no movimento nacionalista árabe.